

Confissões de um pregador

Confissões de um pregador

AUGUSTUS NICODEMUS



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2023 por Augustus Nicodemus Lopes

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo as seguintes indicações: *Almeida Revista e Corrigida* (ARC), *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª edição (ARA), *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (NTLH), e *Nova Almeida Atualizada* (NAA), da Sociedade Bíblia do Brasil; e *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblia Internacional.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

N537c

Nicodemus, Augustus

Confissões de um pregador / Augustus Nicodemus. - 1. ed. - São Paulo :
Mundo Cristão, 2023.
368 p.

ISBN 978-65-5988-209-0

1. Bíblia - Uso homilético. 2. Pregação. I. Título.

23-82979

CDD: 251
CDU: 27-475

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Edição
Daniel Faria
Sílvia Justino
Revisão
Natália Custódio
Produção
Felipe Marques
Diagramação
Felipe Marques
Marina Timm
Colaboração
Ana Luiza Ferreira
Capa
Marina Timm
Foto de capa
Tiago Nunes

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Igreja
1ª edição: maio de 2023

*Para Samantha
filha
neta
bisneta de pregador*

Sumário

Prefácio	13
Introdução	15
1. A prioridade da pregação	19
O culto cristão	19
Noé	21
Os patriarcas	22
Moisés	23
Os sacerdotes	24
Os sábios	26
Os profetas	27
As sinagogas	29
Nos tempos do Senhor Jesus	29
O trabalho missionário	30
O culto da igreja apostólica	31
Em nossos dias	33
2. A vida do pregador	35
Oração	35
Leitura da Bíblia	41
Leitura de obras teológicas e gerais	47
Jejum	51
Meditação, silêncio e reclusão	52
Santidade	55
Confissão	59
Preparo intelectual	62
A soberania de Deus	65
3. A preparação do sermão	68
Tipos de sermão	68

A preparação do sermão expositivo	72
A escolha da passagem bíblica	78
O esboço	84
Fontes e recursos para a preparação do sermão	86
4. Línguas originais	88
O conhecimento da própria língua	88
A questão manuscritológica	89
O conhecimento das línguas originais	93
5. Modelos de interpretação	96
O que é a Bíblia	96
O método histórico-gramatical	100
O método histórico-crítico	103
As novas hermenêuticas	105
6. Ilustrações no sermão	108
O uso de ilustrações na Bíblia	108
Cuidados com o uso de ilustrações	110
Fontes para boas ilustrações	115
7. Intelecto e espiritualidade	117
Relação entre intelecto e espiritualidade	117
O uso de citações de outros autores	124
Em busca de humildade	127
Em luta contra a vaidade	129
Evitar o profissionalismo	134
O emocionalismo no púlpito	138
Lidar com a tietagem	144
8. A importância da aplicação	148
Como fazer a aplicação	150
O que evitar na aplicação	154
9. Quando Deus muda o sermão	156
Sermões extemporâneos	158
Repetição de sermões	159
Pregar o sermão de outros	163

10. Pregando Cristo	166
Cristo é o centro das Escrituras	166
A centralidade de Cristo na pregação reformada	171
Cuidados e precauções	172
11. O apelo	177
Charles Finney	178
Apelos na Bíblia	180
Apelo aos crentes	186
O apelo do pastor local	187
Apelo por dinheiro	188
Outros tipos de apelo	189
O apelo que vem da igreja	190
12. Apóstolo, profeta, evangelista, pastor e mestre	193
Apóstolo	194
Profeta	196
Evangelista	199
Pastor	202
Mestre	205
13. O pregador e as crianças	208
“Culto infantil”	208
Crianças barulhentas	209
Pregar diretamente às crianças	211
Diferenças na pregação para adultos e crianças	211
Mesmo um menino pode crer	213
14. As tentações do púlpito	218
De onde vêm as tentações	218
Diferença entre tentação e pecado	219
Fama	220
Bajulação	223
Investidas afetivo-sexuais	227
Política	232
15. O perigo da rotina	234
Perda do entusiasmo	234

Fechar-se para o extraordinário	236
Pregações monotemáticas	238
Para evitar os perigos da rotina	239
16. Conselhos ao pregador itinerante	242
O sermão	242
O deslocamento	245
A bagagem	247
A hospedagem	248
A preparação	249
O púlpito	250
A oferta	251
17. Convites para pregar	253
Convites na Bíblia	253
Quem decide?	254
Fatores que nunca deveriam ser levados em conta	261
Desmarcar compromissos assumidos	262
18. A questão denominacional, doutrinária e teológica	264
Aproveitar as oportunidades	264
Evitar polêmicas	265
Passar vexame	266
Os outros	267
Unidade na diversidade	269
Ser tudo para com todos	271
Pregar Cristo, e não sua denominação	272
19. O acerto prévio	274
O ensino bíblico	274
Quando fazer exigências é razoável	275
Levar alguém ao seu lado	276
Acertos sobre a programação	277
Quando o acerto sofre alterações	278
Passagem e acomodação	279
Trajes e aparência	279
A tradução usada na igreja	280
Canais digitais: YouTube e redes sociais	281

20. O acerto financeiro	283
21. A esposa do pregador	291
A importância da família	291
A importância da esposa	292
Conselho ao pregador solteiro que deseja se casar	294
Conselhos ao pregador casado	295
A esposa e os compromissos	300
A briga antes do culto	302
A força dos detalhes	303
“Pastoras”	304
22. Os filhos do pregador	306
Sugestões para o pregador	308
Pregadores com filhos desviados	311
O pregador não é o Espírito Santo	315
Muitos regressam depois de um tempo	316
Um dia tudo passará	317
23. Pregadores divorciados	320
O conceito de casamento na Bíblia	320
Situações em que o divórcio é permitido	321
“Marido de uma só mulher”	323
O que fazer diante do divórcio	324
24. O pregador e a internet	329
Tecnologia	329
Não há substitutos	330
O comportamento nas redes sociais	331
Os riscos da notoriedade	334
Lidar com as críticas	336
Fazer críticas	340
Lutero, imprensa e redes sociais	341
25. O pregador e a velhice	343
Idoso, mas feliz	343
Conselho aos jovens	345
Súplicas de um ancião	347
Paulo, o velho	349

Frutificar na velhice	350
Os perigos da velhice	352
A expectativa da morte	355
Conclusão	357
Sobre o autor	361

Prefácio

Confissões de um sogro

Uma vez que, pelo título, este é um livro pessoal escrito por meu genro, vou prefaciá-lo também com uma nota pessoal, as “Confissões de um sogro”.

Em 1959, minha esposa e eu chegamos ao Brasil, vindos da Holanda como missionários, com três menininhas. Pela graça, podíamos servir aqui no Brasil por muito tempo, pois nosso contrato com a missão que nos enviou era vitalício. Anos depois, quando servíamos no Paraná, alguém me perguntou se não deveríamos voltar para a Holanda. “Mas por quê?”, devolvi a pergunta. “Ora, por causa de suas filhas, que já são grandes!” Retruquei: “Será que no Brasil não há homens de Deus?”. Mas os leitores podem imaginar o que de fato nos passou pela cabeça de vez em quando.

No início dos anos 1970, estávamos servindo no oeste do Paraná quando a missão nos informou que a Igreja Presbiteriana do Brasil queria que nos mudássemos para Recife a fim de ajudar no Seminário Presbiteriano do Norte, e a missão apoiava a ideia. Inicialmente, eu não queria sair do Paraná para ir ao Nordeste porque amava o trabalho de campo e, além disso, não me achava qualificado para ser professor de seminário. Mas a missão insistia em nossa transferência. Uma vez minha esposa me perguntou: “Por que você tem dificuldade de aceitar essa mudança?”. Eu não sabia. Depois de orarmos, ela perguntou: “Será que é por causa das meninas?”. Eu precisava reconhecer que ela tinha razão. Já eram moças, bonitas, e para achar um companheiro para a vida seria mais fácil no Sul, onde tínhamos muitos amigos, inclusive nas colônias holandesas. O que fazer? Então o Senhor nos fez lembrar de Salmos 25.12 (“Ao homem que teme ao SENHOR, ele o instruirá no caminho que deve escolher”, ARA) e pensei: “Sim, Senhor, eu sei, mas as nossas filhas!?”. E então era como se o Senhor nos lembrasse: “Não somente o versículo 12, mas também o 13!”. E lá diz que “sua descendência herdará a terra”. Era como se ele dissesse: “Pode deixá-las na minha mão, eu cuidarei”.

Em fé colocamos nossa mão sobre aquela promessa e começamos a nos preparar para a mudança. A missão nos concedeu meio ano sabático na Holanda a fim de que eu pudesse me preparar melhor para a nova tarefa no Nordeste. Em dado momento, o secretário da missão nos telefonou dizendo que devíamos ir ao consulado em Haia, porque mostrariam um filme sobre o Brasil. Fomos, mas voltamos um pouco preocupados: tinha sido um filme sobre Lampião...

Chegando de navio ao porto do Recife, hospedamo-nos provisoriamente no seminário e tomamos as refeições no refeitório dos alunos internos. Toda vez que entrávamos no refeitório com nossos oito filhos ocorria certo alvoroço entre os estudantes. E foi ali, no Nordeste, que Deus providenciou maridos, homens de Deus, para as três filhas maiores. Como Deus cumpriu sua promessa! Um deles é o autor deste livro precioso. Muito obrigado, Senhor!

De fato, que livro precioso para pastores pregadores, itinerantes e fixos, “internetianos” e “pulpitonianos”, solteiros e casados, pregadores tentados e rotinados, pais alegres de pequenos e pais preocupados de grandes, colegas que recebem convites e irmãos que fazem apelos, pregadores jovens e velhos. Com muitas sugestões valiosas. Todavia, como o autor é jovem ainda, creio que eu deveria fazer somente uma nota de rodapé no final do último capítulo sobre a velhice, pois, chegando ao fim, o pregador talvez se lembre como lhe faltavam dons e força para o trabalho ao longo dos anos, mas também como Deus sempre o encorajou lembrando-lhe que a única coisa que o Senhor requeria dele era que fizesse a obra fielmente. Obrigado, Senhor. E ele cumprirá suas promessas também para você, querido leitor e colega, pois Deus é fiel!

Coragem e bom proveito!

FRANCISCO LEONARDO SCHALKWIJK
Missionário no Brasil por quase quarenta anos,
é doutor em História e pastor emérito
da Igreja Evangélica Reformada

Introdução

Este livro sobre pregação diverge do padrão dos livros que tratam do assunto. Para começar, ele é mais a respeito do pregador que da pregação. Não é, tecnicamente falando, um livro de homilética, ou seja, uma obra destinada a ensinar pessoas a pregar ou a ajudar pastores a melhorar sua técnica de pregação. Trata-se simplesmente de uma coletânea de minhas experiências de quarenta anos como pregador, filtradas por minhas convicções bíblicas e teológicas em várias áreas relacionadas com o chamado do pregador.

Para tanto, estou partindo aqui de alguns pressupostos sem tentar prová-los bíblicamente. Espero que o leitor os mantenha em mente à medida que avança na leitura, caso contrário, alguns capítulos e afirmações poderão ficar fora do contexto pretendido. Primeiro, tomo como ponto de partida que o pregador é sempre um homem cristão qualificado, chamado por Deus para exercer esse ministério. Não creio que possamos defender bíblicamente o ministério de mulheres ordenadas ou pastoras. Entretanto, como essa temática não é o foco deste livro, não entrei aqui no mérito da discussão.¹

Isso me leva ao segundo pressuposto: o pregador é geralmente um pastor de alguma denominação evangélica. Sei que nem sempre é o caso. Existem pregadores chamados “leigos”, isto é, que não tiveram uma educação teológica formal nem foram consagrados ou ordenados como pastores em uma igreja ou denominação. Creio que eles também poderão tirar grande proveito deste livro, embora eu tenha em mente, principalmente, o pregador que é também pastor de uma igreja local.

¹ Estão disponíveis na internet vários artigos meus a respeito da ordenação feminina. Ver, também, meu livreto *Ordenação de mulheres: Que diz o Novo Testamento?* (São Paulo: PES, 1997).

Terceiro, não vejo o pregador como um ofício em si, mas como uma função do ofício de pastor, ressalvadas as exceções mencionadas no parágrafo anterior. Creio que temos apenas dois ofícios nas igrejas cristãs hoje, os presbíteros e os diáconos, entendendo os pastores como presbíteros dedicados ao ministério da Palavra. No entanto, respeito profundamente a opinião de outras denominações que acrescentam a essa lista de ofícios bispos e evangelistas, e alguns revelam-se excelentes pregadores.²

Além desses pressupostos, preciso também fazer algumas ressalvas. Como disse no início, este não é um livro sobre homilética. Não consultei bibliografia sobre o tema nem sobre técnicas de comunicação. Simplesmente abordei diferentes assuntos a partir de meu conhecimento bíblico e teológico, e de minha experiência no ofício de pregador. O leitor logo perceberá, portanto, o cunho pessoal e confessional deste texto.

Durante muito tempo, amigos me perguntavam se eu não escreveria um livro sobre pregação. Nunca senti vontade de fazê-lo. Embora pregar tenha sido sempre a área mais forte de meu ministério, nunca estudei, de fato, para tornar-me um pregador e, portanto, não me via na condição de ensinar outros, ainda que tivesse tido no Seminário Presbiteriano do Norte, onde me formei, um professor de homilética notável pelo vasto conhecimento geral, pelo zelo das coisas de Deus e pelo entusiasmo com que nos ensinava. Meu interesse dirigiu-se mais para a área de interpretação bíblica e estudos neotestamentários. E foi por aí que enveredei na vida acadêmica.

O projeto de escrever um livro sobre pregação propriamente dita nunca vingou de fato até surgir a ideia de um livro focado não na pregação, mas na pessoa do pregador. Depois de quatro décadas nesse ofício, senti que poderia dar alguma contribuição nessa área. Entretanto, ainda que meu alvo aqui seja mais a pessoa e a vida do pregador, e como ele pode desenvolver melhor seu ministério em geral, não há como falar do pregador sem falar da pregação.

Portanto, para terminar, quero fazer alguns agradecimentos. Primeiro, a Maurício Zágari, pelo incentivo e ajuda na preparação do esboço do livro. Segundo, a meu sogro, reverendo Francisco Leonardo, que leu cada

²Embora conviva bem com a titulação bispo e evangelista, não me sinto confortável com a de “apóstolo”. Para entender minhas razões, ver meu livro *Apóstolos: A verdade bíblica sobre o apostolado* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2014).

capítulo à medida que eu os finalizava. Terceiro, agradeço ao reverendo Cláudio Henrique Albuquerque, pastor titular da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, onde tenho o privilégio de servir, que juntamente com o Conselho da Igreja me concedeu um período sabático sem o qual eu não teria como escrever este livro. Também agradeço aos editores da Mundo Cristão, que se debruçaram cuidadosamente sobre o manuscrito e fizeram muitas importantes sugestões.

Por fim, agradeço a minha querida Minka, com quem estou casado há 39 abençoados anos, pelo incentivo e encorajamento nesses quarenta anos de ministério como pregador da Palavra de Deus.

E, claro, é somente a nosso Deus que rendo louvores e adoração pelo privilégio de poder escrever alguma coisa nessa área. A ele toda glória, agora e eternamente.

AUGUSTUS NICODEMUS
Snow Camp, Carolina do Norte, agosto de 2022

1

A prioridade da pregação

Quero começar este livro falando sobre minha convicção básica na área de pregação: ela é a prioridade no culto. Com isso, não estou minimizando o valor da oração, dos cânticos ou dos sacramentos, mas apenas confessando o pressuposto de que, dentre os demais elementos do culto cristão, a pregação da Palavra de Deus deveria receber a primazia. Embora o Espírito Santo use todos os elementos do culto para nossa edificação, acredito que é pela pregação que Deus fala mais direta e claramente conosco quando estamos reunidos com seu povo para adorá-lo publicamente. Embora esse ponto me pareça claro, estou a par das controvérsias que o cercam, algumas das quais veremos em seguida.

O culto cristão

Ao longo de sua história, a igreja cristã vem se debatendo com disputas, discussões e discordâncias quanto a alguns importantes aspectos relacionados com o serviço divino. A organização *versus* a liberdade na liturgia constitui um exemplo. Até que ponto podemos organizar e estruturar a ordem ou a sequência dos atos de culto sem coibir a espontaneidade dos participantes? Ou, mais grave, até que ponto a própria ideia de preparar uma liturgia antecipadamente já não representa uma limitação à liberdade do Espírito de Deus em dirigir o culto como ele deseja?

Igrejas, movimentos e grupos dentro do cristianismo têm assumido, às vezes, lados radicalmente opostos nessa questão. De um lado, temos liturgias elaboradas minuciosamente e realizadas por ministros paramentados de acordo com o calendário eclesiástico e as estações do ano, as quais exigem formalidade, seriedade e reverência. De outro, temos cultos sem nenhuma ordem ou sequência preestabelecidas, em que as coisas acontecem ao sabor da inspiração momentânea do dirigente, supostamente sob a orientação do

Espírito de Deus. Já presenciei cultos representativos de ambas as visões. Felizmente, onde predomina o bom senso e o desejo de seguir os princípios bíblicos para o culto a Deus, adota-se uma liturgia que busca usar o que há de melhor dos dois esquemas, unindo seriedade reverente a liberdade exultante. Esse é o modelo que, pessoalmente, entendo ser o melhor.

Outro exemplo é a tensão existente entre ofício e participação. Quem deve dirigir o culto a Deus? Quem pode participar ativamente na liturgia? Apenas os que foram ordenados para isso, isto é, pastores e presbíteros? Ou qualquer membro da comunidade? Ao longo da história, essas questões têm recebido variadas respostas por parte de diferentes grupos. Encontramos igrejas cujo entendimento reside no fato de que apenas os que foram treinados adequadamente e posteriormente autorizados (ordenados) pela igreja podem liderar o serviço divino. Outros grupos, como os quacres do passado e alguns movimentos quietistas modernos, rejeitam a própria ideia de ofício e dispensam qualquer ordem ou liderança no culto público. E há ainda igrejas evangélicas brasileiras que apresentam variações desses extremos.

Entendo como caminho correto a manutenção no culto de uma liderança claramente bíblica de presbíteros e pastores, e ao mesmo tempo a busca, entre os não ordenados, daqueles que possuem dons públicos e se mostrem capazes, após treinamento adequado, de participar ativamente da liturgia.

Outra tensão: formalismo *versus* simplicidade. Relacionada com esta vem a tensão entre solenidade e alegria. Esses extremos na verdade não se excluem. Todos fazem parte do culto bíblico, muito embora em sua história a igreja cristã tenha por vezes enfatizado uma coisa em detrimento de outra. Como sempre, a busca pelo equilíbrio bíblico deve marcar a liturgia das igrejas evangélicas.

Mas existe ainda outra tensão, talvez em um nível mais profundo, que representa um sério desafio para a liturgia da igreja e que nos aproxima do tema deste livro. Refiro-me à tensão mente *versus* emoção. Ou, mais exatamente, qual o lugar da mente no culto? Pode-se cultivar o entendimento e o crescimento intelectual sem perder de vista o papel do coração no culto? Um culto só é realmente espiritual se a mente for deixada de lado e o coração envolvido inteiramente? O pregador só será usado se expressar profundas emoções do púlpito ou se manifestar profundo conhecimento teológico e argumentos racionais?